

A EUROPA E AS MÁFIAS

por Mário Soares

No princípio do novo século, o mundo ocidental respirava optimismo. A ONU tinha proclamado os objectivos do milénio e as pessoas conscientes pensavam que seriam para cumprir. Era inimaginável que não fossem. Mas foi o contrário que aconteceu, como todos nos lembramos. A Europa era um pólo de atracção, por ser uma terra, simultaneamente, de liberdade, de bem-estar social e de respeito pelo Direitos Humanos.

A década que entretanto passou foi terrível para o Ocidente. O atentado contra as Torres Gémeas e contra o Pentágono provou a vulnerabilidade da "grande" América. A reacção violenta que George W. Bush promoveu, a "guerra" ao terrorismo que proclamou, sem consulta dos seus aliados, levou a desencadear duas terríveis guerras – Afeganistão e Iraque – com avultados custos humanos, nos dois sentidos, e materiais. Houve muitos mortos, mas o terrorismo não foi, fundamentalmente, atingido.

Barack Obama está a iniciar a retirada, como prometera, das tropas americanas no Iraque – um segundo Vietname – e, mais tarde ou mais cedo, vai ser obrigado a fazer o mesmo no Afeganistão, com consequências muito graves para a NATO.

As duas guerras dividiram o Ocidente e a população europeia. A chamada "Velha Europa" – e muito bem – não seguiu a América e só o Reino Unido (Blair), a Espanha (Aznar) e Portugal (Durão Barroso) levaram a subserviência, relativamente a Bush, ao ponto de ficarem com esse ferrete inapagável...

Acresce que a relação de forças internacional mudou radicalmente. Surgiram os Estados Emergentes, que hoje dão cartas. A Europa perdeu peso político. A América credibilidade. E, entretanto, a crise financeiro-especulativa que surgiu na América (especialmente em Wall Street) propagou-se ao mundo inteiro. E ainda não está vencida. Nem na América nem na Europa. Com a eleição de Barack Obama, a estratégia americana mudou. É o chamado novo paradigma de desenvolvimento. Mas, até agora, a Europa não tem procurado acompanhar Obama. O que julgo ser mais um erro enorme.

Sucede que L'Express, francês, da semana passado, escreve um longo texto sobre como a Máfia tem vindo (cito) "a gangrenar a Europa". E cita Estados como a Alemanha, a França, a Espanha e os Países Baixos. Francesco Forgione, que presidiu à Comissão Parlamentar anti-Máfia, em Itália, no seu livro (que sairá em França nas Actes Sud, em 1 de Setembro próximo), "demonstra como as organizações criminosas têm vindo a infiltrar-se, cada vez mais, nas economias europeias". A Ndrangheta, calabresa, a Casa Nostra, siciliana e a Camorra, napolitana, são as Máfias que mais actuam e há mais tempo na Europa. Especializadas no tráfico de drogas, de armas e no branqueamento de capitais, fundando organizações financeiras, turísticas e comerciais altamente sofisticadas.

A Alemanha é, ao que diz L'Express, o país europeu onde as Máfias estão há mais tempo e mais bem instaladas na Europa. E onde as suas actividades parecem ser mais discretas. Daí circularem por todo o lado, com relativa impunidade.

Se juntarmos a este fenómeno das Máfias o aumento exponencial da corrupção – que hoje atinge as altas esferas de vários Estados nacionais europeus – como é o caso da França de Sarkozy e da milionária da L'Oréal, Liliane Bettencourt, temos que reconhecer que a deriva ética e a complexidade europeia são cada vez mais preocupantes.

Um país problemático

O Paquistão é, seguramente, um dos países mais problemáticos do Mundo. Desde a independência, no pós-guerra, quando se deu a cisão entre a Índia e o Paquistão, com a invocação das diferentes maiorias religiosas: a hindu e a muçulmana. Mas também pelas diferenciações geopolíticas, uma enorme fronteira com o Afeganistão e com a Índia e a questão de Caxemira dividida entre os dois grandes Estados rivais, note-se, ambos possuidores de bombas atómicas.

Visitei pela primeira vez o Paquistão, quando era primeira-ministra, Benazir Bhutto, filha do dirigente Zulfikar Bhutto do Partido Popular do Paquistão (PPP), assassinado tragicamente na prisão,

anos antes. Benazir Bhutto era um político de primeira qualidade, educada em Londres, com a qual mantive relações de grande cordialidade até à sua morte, também assassinada.

A situação, sempre difícil do Paquistão, tornou-se ainda mais complicada depois da invasão do Afeganistão pelas tropas da NATO. Quando se deu a invasão, estavam no poder os talibãs, aliados de longa data do Paquistão. Desde então, vi escrito em diferentes jornais da imprensa internacional que o Paquistão – sobretudo os serviços secretos e as Forças Armadas – faziam um jogo duplo entre a NATO e, sobretudo, os seus aliados americanos e, por outro lado, com os talibãs e alguns senhores da guerra, como são chamados.

Nos dias de hoje o Paquistão está a sofrer uma das piores catástrofes naturais de sempre. As mais graves e maiores inundações dos últimos cem anos com milhões de mortos, mais de 20 milhões sem abrigo e mais de 6 milhões sem água potável e alimentação. Talvez seja a mais mortífera das catástrofes naturais sofridas neste ano tão conturbado e particularmente atingido pelos desastres naturais de toda a ordem.

O Paquistão tem vindo a pedir auxílio, com desespero crescente à Comunidade Internacional. O Secretário-geral da ONU, Ban Ki-Moon, fez-se eco desse apelo dramático, bem como várias ONGs humanitárias. Mas, até agora, as ajudas são muito insignificantes. A Europa, com tantas responsabilidades na área, persiste num silêncio terrivelmente comprometedor. Esperemos que o rompa – mesmo em tempo de férias dos seus dirigentes – para que não destrua, aos olhos dos outros Continentes, uma das suas características mais relevantes: o seu sentido do humano e da solidariedade para com os que sofrem.

A Europa e os Imigrantes

A Europa, sobretudo a Ocidental, sempre acolheu bem os seus imigrantes. Porque até à queda do Muro de Berlim e da Cortina de Ferro, na Europa de Leste, só havia emigrantes com e, os que fugiam para o Ocidente. E eram escassos.

A Europa, como área privilegiada, sempre teve – e tem – escassez de mão-de-obra e precisa de quem lhes faça o trabalho de que necessita. Não só os portugueses, como os espanhóis, no tempo das ditaduras ibéricas, sabíamos bem isso. Vivíamos, em boa parte, das remessas dos nossos emigrantes... Mas esse tempo passou.

Hoje, a Europa continua a precisar de emigrantes. Mas a proveniência mudou. Vêm de África, da Ibero América e dos Países de Leste. O Presidente Sarkozy que, como o nome indica, é um francês de segunda ou terceira geração, para agradar à Direita de Le Pen, tem vindo a mostrar que não gosta, especialmente, de emigrantes. Parecem não ser suficientemente reverentes, subservientes e ordeiros, para o seu gosto. E agora, para cúmulo, resolveu fazer aprovar uma lei para expulsar os ciganos, por serem ciganos. Uma vergonha, que nos remete para o ominoso tempo dos nazis: os judeus, os ciganos, os comunistas e os social-democratas, todos foram parar aos campos de concentração nazis, de triste memória.

Sarkozy começou por expulsar os ciganos: uma vergonha para a França, a Pátria dos Direitos Humanos, que já mereceu uma crítica da ONU. Contudo, como diz o Povo, uma asneira nunca vem só. Os italianos de Berlusconi também querem expulsar os ciganos. É a própria identidade democrática europeia que começa a ser posta em causa. E a União fica em silêncio? E o Parlamento Europeu?

As próximas eleições na América

As próximas eleições serão a 2 de Novembro próximo, a meio do mandato presidencial de Barack Obama. As sondagens não são favoráveis ao Presidente. As intrigas organizadas, as mentiras torpes como a de Barack Obama não ter nascido na América e ser mulçulmano, são permanentes. Bem como o descontentamento contra Leis Fundamentais – como a da Saúde, a que mete na ordem os Grandes Bancos e Wall Street – tudo serve para atingir o Presidente e o tentar desacreditar. O momento difícil dos Estados Unidos faz o resto. Contudo, Obama não desiste. É um homem de invulgar coragem, um político de rara inteligência, de valores éticos e de princípios, que sabe o que quer.

Pode recuar, mas não, no essencial. Como agora mais uma vez provou. A propósito da Mesquita e do Centro Cultural Muçulmano que querem construir no lugar simbólico onde existiam as Torres Gémeas que foram destruídas em 11 de Setembro de 2001. Era-lhe fácil arranjar argumentos para transigir. Mas não o fez por causa dos seus valores humanistas: respeitar todas as religiões em pé de igualdade e não só algumas.

O slogan da sua campanha, como todos sabem, foi "Yes we can". Agora com um sentido agudo de ironia, perante as mentiras dos republicanos, disse que o slogan deles devia ser: "No, we can't"...

A verdade é que da parte dos republicanos há muito dinheiro em jogo e vale tudo. O dono de várias televisões e empresas, Murdoch, tem feito tudo para que Barack Obama seja destruído, não apenas vencido. Acaba de dar alguns biliões de dólares ao Partido Republicano para que cumpra a sua missão de destruir Barack Obama.

Esperemos que o bom senso dos americanos se manifeste mais uma vez. Barack Obama, no actual momento mundial, é seguramente o homem mais necessário ao progresso humano. O seu fracasso político seria um grande desastre para a Humanidade no seu conjunto.

Vau, 24 de Agosto de 2010